



linha do tempo educativo bienal

Década 1950

A 1ª Bienal aconteceu no Trianon na avenida Paulista e foi visitada por cerca de dez mil estudantes. Não havia uma proposta educativa estruturada, o que gerou muitas críticas. O debate em torno da arte abstrata vs. arte figurativa deixava o público bastante inquieto e confuso. Assim, surgiram os Passeios Explicativos: comissários acompanhavam obras e artistas agendavam visitas às salas de seus países. Essa década assistiu também ao início dos cursos de história da arte para os monitores com Wolfgang Pfeiffer, diretor técnico do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) na época. O curso começou na 2ª Bienal, já no Parque do Ibirapuera e terminou apenas na oitava edição da mostra. A partir da 4ª Bienal a exposição passou a ser realizada no Pavilhão Cicillio Matarazzo.



Década de 1960

A década de 1960 foi um período de mudanças significativas para a Bienal, que se tornou uma instituição de interesse público. Em 1962, passou a ter status de Fundação e Cicillio Matarazzo doou todo o acervo do MAM-SP para o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP). Com isso, o acervo do MAC, formado pela coleção de Cicillio Matarazzo e Yolanda Penteado e por obras premiadas das Bienais, passou a ser essencialmente moderno, ao passo que o MAM-SP passou a concentrar sua atenção em arte contemporânea. A 7ª Bienal foi a primeira exposição desvinculada do MAM-SP, ganhando autonomia. Com a ditadura militar, teve início um sistemático boicote internacional dos artistas às exposições da Bienal, que perdurou nos anos 1970 e culminou em uma série de problemas técnicos na 10ª edição do evento, em 1969. O curso de Wolfgang Pfeiffer para monitores estava em sua décima edição, contando com a participação de Mário Pedrosa, diretor-geral da instituição. Embora o curso não contasse com um material educativo, algumas delegações dos países participantes produziam panfletos elucidativos e disponibilizavam pequenos catálogos e textos explicativos sobre os artistas e as obras – até que Pfeiffer elaborou uma apostila para o curso. O curso de monitoria era amplamente divulgado nos jornais e teve 350 participantes. A formação dos monitores, estritamente centrada em apreciação artística, estética e história da arte, começou a se voltar mais à compreensão dos processos e às técnicas artísticas, com aulas específicas ministradas por artistas convidados. Nesse tempo entendia-se que os monitores ensinavam a ver a arte, ao transmitir conhecimento.



Década de 1970

Em 1974, durante a mostra intermediária *Bienal Nacional*, aconteceu um ateliê para crianças e, pela primeira vez, um texto educativo esteve presente no catálogo da exposição. Da 11ª à 14ª edição da mostra, o curso para monitores foi coordenado por Raphael Bongermínio, tinha como base a história da arte e contava com uma apostila especialmente criada para a exposição. Gilda Seraphico e Oswald de Andrade Filho ministraram os cursos até a 11ª edição. O professor Antonio Santoro Jr., oficialmente contratado pela Fundação para a 13ª Bienal, usava estratégias atraentes próprias de monitoria desde a 10ª Bienal, como a “Monitoria Turística – uma visita mais dialógica”. Ele foi um importante divulgador das ações pedagógicas da Bienal, principalmente em escolas. É de sua autoria uma série de fascículos pedagógicos publicados em um jornal da época. Sua atuação terminou na 15ª Bienal, totalizando uma década de atividades. Cicillio Matarazzo faleceu na segunda metade dessa década, e o Conselho de Arte e Cultura assumiu o discurso artístico da Bienal. Em 1979, um catálogo antológico comemorativo dos trinta anos da Bienal foi produzido, mas não foi publicado.

Década de 1980

Marcada pela reabertura política no Brasil, uma intensa produção pictórica e a introdução do grafite nos contextos expositivos, a década de 1980 foi particularmente propícia à ação educativa. Em 1981, Walter Zanini foi nomeado o primeiro curador da Bienal de São Paulo. Nesse mesmo ano, pela primeira vez, o catálogo do evento contemplou uma equipe responsável pela ação educativa e pela ação com crianças e adolescentes, quando os ateliês ganharam espaço.

Década de 1990

Durante essa década houve o aumento dos arte-educadores à frente de projetos educacionais de instituições culturais e importantes parcerias com a Oficina Oswald de Andrade, em projetos como “Oficina de bairros”, e com a Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), em projetos como “Escola e arte”.

Década 2000

Os anos 2000 começam com a mostra *Brasil 500 anos*. Consolidaram-se algumas práticas do educativo, houve a ampliação das estratégias de acessibilidade, bem como foram sistematizadas as propostas de ações socioeducativas em diversas comunidades da cidade de São Paulo e do interior do estado. Em 2011, foi implantado o Educativo permanente, com curadoria de Stela Barbieri, que começou sua gestão em 2009, na organização do Projeto Educativo da 29ª Bienal. Uma das primeiras ações dessa gestão foi o levantamento histórico das ações educativas que acompanharam as Bienais, com auxílio da professora Maria Christina Rizzi e sua equipe de doutorandos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), e a consolidação dos vínculos de parceria com outras instituições e comunidades.

